



ILHA BOOBI.

VOL. V.—3.^a SERIE.

DEZEMBRO, 27, 1856.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

ILHA BOOBI.

O estreito de Torres, bastante perigoso para os viajantes, é assim mesmo muito frequentado ha muitos annos pelos navegadores que atravessam de Sidney para a India.

A ilha Boobi fica na saída d'este passo arriscado, do lado d'oeste, e está situada em um ponto pelo qual forçosamente tem de passar os navios que navegam por aquellas paragens. Todos os vasos britannicos que passam o estreito de Torres, são obrigados a fundear abaixo da ilha Boobi pelo espaço de tempo necessario para mandarem a terra recolher as cartas que houver, e verificar se os vivetes se conservam em bom estado, e em quantidade sufficiente.

A Grã-Bretanha, protegendo com vigilancia caridosa os seus interesses commerciaes, estende ao mesmo tempo a mão ao infortunio, provando assim que a patria nem nas mais remotas regiões desampara os seus filhos.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589 — 1592)

Continuação.

« A 4 de agosto, durante a noite, accommettendone um rijo vento sul, as naus sacudidas pela tormenta estavam em grande perigo de descairem para terra, e ahí ficarem dispersas e dismantelladas. Com tiros de peça davam signaes de necessitarem soccorro. Como quasi todos os officiaes tivessem saltado em terra, segundo é costume, não bom, mas vulgar dos portuguezes, só tinham ficado nos navios alguns escravos e marinheiros. Tocavam os sinos per toda a cidade. Cheia de tão grande ruido, e tamanhos clamores, estava perturbada. A furia do mar não permittia aos insulanos abordar as naus, nem os navegantes saltar na ilha. A nossa nau Santa Cruz garrava frequentemente para terra; onde sem duvida, tocando, se teria partido, ou totalmente destruido. Deus afastou esta desgraça. A nau de Malaca, quebradas as amarras, como não ficasse a bordo gente sufficiente para as concertar ou lançar ao mar outra ancora, arreados os mastros com grande custo, deu com muita força nos cachopos, e mergulhou n'agua até á coberta superior. Então como se applicasse a furia do mar, o vento rondou ao noroeste, e o movimento violento das ondas cessou. Antes que succedesse outra mudança de tempo, e como os outros navios fossem expostos a igual desastre, já tinha decretado o corte dos mastros e enxarcias, afim de salvar a gente. Perdiam-se muitas e riquissimas mercadorias com esta submersão da nau de Malaca, por ser muito opulenta, e exceder as outras em riquezas das Melucas, China, e outras ilhas. Assim fazia dó e tristeza ver boiar a cada passo pannos de damasco, fatos de seda, obras d'ouro e prata, porcelanas, e outras similhantes mercadorias, coberta a praia e o mar com estas lindas, preciosas cargas. Só salvaram algumas coisas das que estavam mais á mão, e com o tempo por meio dos mergulhadores tiraram alguma pimenta, cravo, e canella. Porém a maior parte tinha-se estragado e o que restava estava corrompido. Estes restos eram logo encerrados na alfandega, ou thesouro real, pelos fiscaes d'el-rei, para que se salvassem para o mesmo rei os seus

direitos. Miseravel condição d'aquelles, que depois de tres annos de inealculaveis fadigas e extrema miseria, soffrida em Malaca, agora, naufragos, nem ao menos podiam alcançar dos fiscaes d'el-rei, que a tudo antepunham o supremo direito, um obolo d'aquellas riquezas avariadas, posto que offerecessem sobeja fiança ao tributo, para que podessem sustentar a vida, que d'outra sorte difficilmente podiam manter. Até promettiam que preparariam as caravelas, e, prestada competente fiança, levariam com perigo seu estes bens para o erario regio em Lisboa; porém foi debalde, visto que os fiscaes d'el-rei diziam amiudadas vezes, que havia de chegar de Lisboa uma armada de muita confiança. Finalmente, a muitas instancias dos conductores da pimenta, concedeu-se licença, a que em quaesquer navios a trouxessem a Lisboa para a casa da India, depois de terem ali estado aquelles infelizes por espaço de dois annos e meio, em extrema miseria e desespero. É necessaria muita liberalidade com o intendente d'esta alfandega, para que se descreva e conte o tributo das mercadorias o mais depressa possivel, aliás soffre-se uma demora de tres ou quasi quatro meses. Se porventura as naus trazem alguma coisa bella, eede-se ordinariamente aos recebedores dos tributos, os quaes, com quanto promettam que hão de pagal-a, nada dão, porque nenhuma lei a isso os obriga.

« Em 8 de agosto entraram em deliberações os mestres dos navios com o governador da ilha, debatendo e que devia fazer-se mudando o tempo para bonança, com medo de naufragio, similhante ao que ha pouco acontecera. Portanto, desembarcando em terra o piloto de um grande navio, a que chamam *galeão*, que tinha arribado ali com o tempo, quando se dirigia para o Brazil, determinaram que se embarcassem n'elle, posto que sem autorisação regia. Fizeram-se á vela com grande receio. Eu que era amigo do feitor da nau de Malaca, movido pelos seus rogos, e querendo ser-lhe util, porque toda a pimenta pertencia aos mesmos feitores, arranjos os meus negocios, fiquei na ilha com recommendações particulares dos que se ausentavam, esperando a armada presidiaria que o rei promettera, guardando, e conservando entretanto os objectos, cuja maior parte tinhamos salvado por meio dos mergulhadores. Aquella armada, porém, não chegou, e consumiu-me a demora de trinta mezes, fastidiosissima pelas grandes misérias dos nossos companheiros, mostrando bem os portuguezes o pouco cuidado que tem das coisas maritimas. A 30 de agosto aportaram á ilha juntamente as mesmas naus, sem contudo lançarem ferro: tinham até então sido acoissadas por ventos contrarios; e vexava-as a falta d'agua. Um dia antes andava costeando as praias da Terceira o inglez conde de Cumberland, com uma frota de seis ou sete navios, e, depois de sua retirada, sem perigo saíram commodamente as naus da India, tomando para isso quatrocentos hespanhoes dos presidiarios da ilha Terceira. Servindo-se de boa navegação em onze dias entraram no rio de Lisboa, com grande contentamento de todos; porque se se tivessem demorado um só dia mais fora do rio, teriam caído nas mãos de capitão Drack, acompanhado por uma armada de quarenta navios, que chegou a Cascaes quando aquelles levantavam ferro, puxados pelas galés. Por esta serie de perigos facilmente se pode considerar a summa difficuldade d'esta navegação, entre os incommodos da guerra, do mar, e do ceo, com subtil cuidado de tudo o que pertence á arte da navegação.

que de certo modo a chegada das naus da India não sem razão se pode considerar prodigiosa. »

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação. (*)

VI

JULIA — Levantou-se pois, e foi buscar seu pae: — e quando elle ainda vinha longe, viu o seu pae que ficou movido de compaixão, e correndo, lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou...

ACTO V — SCENA VI.

Aquella casa onde se passou o primeiro acto, nos leva agora o autor a assistir ao desenlace da sua composição. A scena e os personagens são ainda os mesmos, a situação e o sentimento é que mudaram.

A carta de Julia não tinha mentido. A desgraça ao passar por aquelles logares tinha-lhes mudado o aspecto e convertido em scenas de dôr as festas e folguedos com que nos havíamos deleitado ao principio. Como se a morte ali houvera entrado, um manto de luto involvera a alegria, e ao trajal-a com suas vestes mudara-a tanto, que nem já a conhecemos.

O bom do velho, mais avelhentado ainda pela desventura, sente-se fraquejar e fenecer, como roble robusto a que lenheiro impio, acenando um golpe mais fundo, tivesse cortado quasi de todo. Supportara a morte de sua mulher, a santa que lá nos ceos orava pelos seus; supportaria talvez com resignação a morte da sua Emilia, e embora em prantos derramaria attribulado, mas sereno, as flores das perpetuas sobre a sepultura que lh'a roubava; porém suspeital-a morta, emquanto intima voz lhe dizia que era viva, ter de a considerar perdida, sentindo no coração vasio o logar que ella occupava, assistir á luta de duas vozes: uma de pae que lhe pedia esquecimento e perdão, outra do dever que lhe lembrava a culpa e o castigo, era de mais para quem tão poucas forças contava, para quem tão pouco podia.

E ainda assim a sorte da sua outra filha devia amenisar-lhe as provações do seu viver amargurado. Vendo Julia ligada ao promettido esposo de Emilia, que já conseguira posição e nome, sentindo-se reviver na filha de sua filha que com doce embaço acalentavam a seus pés, seria feliz de todo, se a felicidade dos presentes não lhe afeiasse mais ainda a desgraça e perdição da mesquinha que o deixara. Arvore costumada a dois esteios, ao roubarem-lhe um d'elles, sentia pender-se para aquelle que a sustinha e amparava ainda; mas o lado que o outro occupara, mais desamparado agora, receiava mais os insultos dos temporaes e as affrontas dos invernos, que sacu-

dindo-lhe a frente lh'a iam despovoando e desgarrando.

Faz annos, que se partira a triste Emilia a tentar fortuna; faz annos, que n'aquella mesma hora os desgarras das cantilenas patricias, e os emboras dos amigos lhe enfeitavam a casa e lhe deleitavam o anniversario; e agora, em logar de tantos encantos e doçuras, um berço sómente a fallar-lhe do futuro, a que não assistirá; uma sepultura a fallar-lhe do passado, que lamenta; e o isolamento, a tristeza, o desgosto povoando aquellas immensidões, e enregelando-lhe a alma com os gelos da solidão, ou cortando-lh'a com os espinhos da saudade.

Pouco podem as consolações de Julia, e os sorrisos infantis da neta; o velho sente-se morrer, e da cova da sua esposa uma voz parece chamal-o para que partilhe n'outros mundos o thalamo afortunado em que tão contentes tinham vivido; essa voz que mais perto vae ouvir na igreja, onde todos os annos reza n'aquelle dia pela finada querida, essa voz tem attractivos seus, cheios de dôr e melancolia, mas com os confortos e enlevos, que acompanham o descanso eterno, para quem se sente exausto de lidar e cansado de viver.

O velho tem ido á igreja procurar consolações, e n'aquelles logares ficaram sómente Julia e sua filha; esta dormindo e talvez n'esses enleios mysteriosos de contacto intimo com os ceos, que legenda piedosa nos diz ser vulgar ás creanças que não fallam ainda; a outra reportando-se á sua irmã, que sempre espera, e que, apesar de bem longe, conta ainda ver a seu lado.

Assomam n'esse momento á porta duas pobresinhas extenuadas de fadiga e mortas de fome: as vestes caem-lhe aos pedaços, e no desalinho geral traduz-se o mesquinho traçar de quem, pedindo e á caridade, tem percorrido vastas regiões. Uma d'ellas sustenta a mais fraca desmaiada e exanime; todavia, postoque mais robusta, as forças tambem lhe vão fallear, e em breve cairá prostrada se mão amiga lhe não prometter amparo e conforto...

— Um bocado de pão por amor de Deus! Asylo para duas desventuradas!

Julia corre á porta; o convite feito á sua caridade não é frustrado; e na mais debil, na que se morre á fome e á vergonha, encontra a irmã pelo sangue; na outra, a que conquistou semelhante logar pelo amor e desvelo com que tratou de Emilia, e que não é senão a pobre escrava, Berenyce, a filha dos reis, a apaixonada de Aurelio.

Julia, que não tinha desesperado nunca de conciliar a amizade de seu pae á irmã perdida, eria novas forças em vista d'aquella desgraça, e espera conseguil-o n'esse dia mesmo. Busca traças para o alcançar no amor que tem áquella com quem se creou, e ao consultar a voz da esperança, esta lhe prophetisa um successo feliz.

Amargurado e saudoso regressa o velho da igreja; a voz da sepultura fallou-lhe de sua filha, e o coração de pae respondeu-lhe, com o sentimento, a linguagem do perdão.

É este o momento escolhido, e no thesouro perenne de consolações e auxilios, nos Evangelhos, é que Julia vae procurar um intercessor valioso para eom seu pae.

Que outra a não ser a parábola do *filho prodigo*, mais bem escolhida poderia condizer melhor com a situação solemne em que se encontram os personagens todos d'aquelle drama? Que outra que melhor derramasse o balsamo da esperança no coração da que

(*) Do num. 49.



VISTA INTERIOR DA GRUTA DA ILHA BOOBI.

se apartou dos seus; que mais autorisasse o desejo paterno do ancião? Que outra, que tanto ao vivo pintasse os remorsos e o arrependimento de uma, o amor e o perdão do outro?...

As lagrimas rebentam dos olhos do velho ao recordar-se do que soffreu em longes terras a filha de sua alma; e vai suffocado em pranto suspender a leitura, quando a que tão presente estava ao seu espirito se lhe apresenta aos pés, como elle desfeita em lagrimas, e esperando o perdão ou o castigo.

Quer amaldiçoar, procura palavras de exprobração, e lembra-se da viltza e ignominia com que a deshonra de Emilia lhe maculou as cãs honradas.

Reprehensões terriveis vão-lhe sair dos labios. Emilia está sem esperança; o perdão não sae da bocca de seu pae; perdida de todo, recorre a quem por tantas vezes pediu em seu favor, a quem lhe obteve sempre os carinhos paternos, e brada do fundo d'alma em extrema agonia e desespero: — Soccorro, minha mãe, soccorro!

Aquella recordação veio avivar saudades ao velho, traçando-lhe de novo o quadro dilacerante do quanto ha pouco na egreja sentira e soffrera, e d'esta vez

abre os braços a sua filha, apertando-a contra o coração, em que sempre ella tivera lugar.

Aqui termina o drama. As scenas seguintes são accessorias e como retoques extremos de um quadro de mestre. Os aldeãos, que escondidos se preparavam para solemnizar o anniversario do seu bom patricio, apparecem alegrando o quadro. As danças reapparecem tambem; e commovida pelo espectáculo de tamanha felicidade, a negra, que a não pode esperar na terra, cae de joelhos aos pés do bom do parochê, pedindo-lhe que interceda perante o Senhor para que as portas d'esse outro mundo, onde as distincções de raças e de côres são desconhecidas, e onde os humildes e os que soffreram recebem uma paga eterna para seus soffrimentos e humilhações, se abram, para a desvalida tambem, clementes e piedosas.

Continua.

R. PAGANINO.

Um desvio de virtude nos impelle a ouvir com prazer a maledicência: um instincto de moral nos leva a odiar os maldizentes.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação. (1)

XXI.

ANECDOTAS. — JANTAR DO ARCEBISPO CONFESSOR.

Setembro 12 de 1787.

Apenas estava levantado vieram annunciar-me o grão-prior e mr. Street; este vituperando reis, rainhas e príncipes, com toda a sua força, e bramando por liberdade e independencia; o primeiro queixando-se dos nevoeiros e humidades.

Assim que saíu o advogado do republicanismo, fomos como havíamos concertado a casa do arcebispo confessor, e ahí immediatamente nos admittiram ao seu *santa sanctorum*, agasalhado aposento, communicando por uma escada de caracol com o da rainha, e adereçado de lustrosa tapeçaria de vivas cores. Um frade leigo, rochunchudo e chocarreiro, completamente tosco e vulgar como qualquer carreiro ou almoereve, nos entreteve com divertidas, posto que não mui decentes, historias palacianas, até que o seu patrão nos appareceu.

Quem esperar ver no inquisidor mór de Portugal, cara chupada e tristonha com olhos de improprio e maldição, acha-se enganado; raras vezes temos o gosto de encontrar uma presença tão jovial e sincera como aquella de que o seo o dotou; recebeu-me do modo mais franco e cordeal, e tenho razão de capacitar-me que lhe caí muito em graça.

Conversámos sobre serem casados os arcebispos em Inglaterra. — « Com effeito (disse o prelado) os vossos arcebispos são singulares sujeitos, sagrados nas vendas de cerveja e bons consocios de botelha? Contaram-me que aquelle estouvade lord Tyrawley era arcebispo lá na sua terra. » — Imaginae quanto eu riria d'este incomprehensivel desproposito; e ainda que não possa dizer de sua reverendissima que — « as verdades divinas saem melhoradas da sua bocca. » — seja-me licito declarar que o absurdo se torna mais notavelmente ridiculo vindo de origem tão autorizada.

Quando chegámos ás janellas da sala para ouvir a banda de musica marcial, vimos João Antonio de Castro, habil engenheiro, que inventou o actual systema da illuminação de Lisboa, dois ou tres graves dominicanos, e o famoso truão, D. João da Falperra, mascarado com falsas condecorações das ordens, subindo todos elles os degraus que conduzem á grande sala d'audiencia. — « Sim, sim! (disse o leigo, que é uma creatura petulante e comica) Eis ahí o fiel retrato dos nossos freguezes: tres castas de pessoas acham mais facil entrada n'este palacio, homens de superior talento, bobos, e santos; os primeiros cedo se desgostam da habilidade que possuem, os santos vem a ser martyres, e só bobos prosperam. »

A tudo isto o arcebispo prestou o seu ingenuo assentimento por um significativo meneio de cabeça; e achando-se, como acabei de referir-vos, na mais graciosa e communicativa disposição não me permitiu que sáisse quando me levantei para despedir-me. — « Não, não penseis em deixar-me tão depressa;

vamos á sala dos cysnes, e peço que depois me digaes que idéa fazeis dos nossos primeiros fidalgos. » —

Tomando-me pelas pontas dos dedos conduziu-me por muitos quartos sombrios e passagens escuras a uma porta secreta, que dá serventia da sala de visitas da rainha para outra muito espaçosa, atulhada então por metade das dignidades do reino, como realmente creio; ali estavam bispos, prelados das ordens, secretarios d'estado, generaes, camaristas, cortezãos de todas as denominações, bizarros e flammandes com suas fardas bordadas, estrellas, veneras d'habitós, e chaves doiradas.

Era risível o assombro d'este grupo á nossa subita apparição; apresentámo-nos ao começar um minuete; o apessoado arcebispo com seu vestido monacal como um Perú encrespado, e eu avançando a passo grave, deslumbrado da subita transição das trevas para a luz, como a coruja que o sol apanhou fóra do ninho. Ajoelhavam muitos mettendo á cara memoriaes e petições, requerendo a maior parte logares e promoções, e alguns solicitando benções de que o meu reverendo guia não era avaro. Afigurou-se-me que tratava as pressurosas demonstrações de servilismo com um certo modo de pouco caso sem insulto. A audiencia foi interrompida por uma ordem da rainha, que chamava immediatamente o arcebispo; porém, este antes de retirar-se tocou-me no hombro, e disse-me: — apenas me demoro meia hora, e jantareis comigo. — Este convite excitou nos cortezãos grande inveja. Em mim o effeito era o contrario, porque tinha funcção ajustada para Penha Verde, o mais fresco e romantico sitio d'esta poetica comarca, e não me queria encaixar n'um aposento cheirando a verniz. Mas, emfim, não tinha remedio, porque todos, ainda os figurões da corte, obedecem a sua reverendissima. A meia hora assignada pelo arcebispo deitou quasi a uma. O marquez de foi encarregado de me conduzir áquelle invejado jantar; e disse-me que era a primeira vez que tinha a honra de assistir á mesa do arcebispo. Batemos á porta reservada, e seguindo pelos quartos já conhecidos fomos dar a um pequeno aposento, com frente para uma hortasinha, onde o frade leigo com as mangas arregaçadas até os hombros nos fez hospitaleira recepção; na casa das tapeçarias estava a mesa com tres talheres, e n'um dos angulos em cima de um sophá o omnipotente prelado coberto com uma capa parda cheia de remendos.

« Vem cá (disse ao leigo batendo as palmas ao modo oriental) serve a mesa, e tenhamos algum prazer. Que praga é aturar essas mulheres, lá de escada acima! Quem melhor de que vós, marquez, conheceis quantos enigmas ha que desembrulhar? Atrevo-me a dizer que os arcebispos inglezes não se vêem abarbados com metade dos embaraços em que me vejo enleado. Olá! vamos a saber o que nos dão para trincar. »

Entrou o leigo com tres leitões assados n'uma bandeja enorme de prata e com uma torta de correspondentes dimensões; estes pratos nunca variam; tal é sempre o jantar do arcebispo, salvo nos dias de magro. Porém, a simplicidade da primeira coberta foi resgatada pela profusão das sobremesas, que em variedades de frutas e doces nada podia egualar. Em vinhos, não fallemos; eram delicados e escolhidos. tributo de todos os dominios portuguezes á mesa de sua reverendissima: a companhia do Porto, que então solicitava a renovação do seu privilegio, contribuia com a flor das suas colheitas; de tão boa qualidade que o meu obsequiador hospede prometteu-

(1) Do num. 47.

me, e logo no outro dia mandou pôr em minha casa, alguns barris d'este licor genuino.

Passou-se alegremente o jantar, e mais duraria a palestra *inter pocula* se o marquez, como estribeiro, e o arcebispo na sua especial missão, não tivessem de ir ao paço. Por outro labyrintho de passagens, mais intrincado do que aquelle por onde entrara, me conduziu á rua o leigo faceto e anecdotico.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação. (*)

Concluiremos hoje este segundo capitulo da nossa chronica, rematando a descripção do collegio de Santo Antão com a noticia da excellente sachristia, que actualmente serve de igreja ao Hospital de S. José.

Foi uma-das ultimas obras que os padres da Companhia fizeram n'este sumptuoso edificio. Revela logo ao primeiro aspecto a magnificencia e grandeza com que o padre Carbone completou aquella maravilhosa fabrica. Examinando-se miudamente esta formosissima reliquia, avalia-se por ella a sumptuosidade da arruinada igreja.

No desenho, e ornato seguiu-se escrupulosamente o do templo:

Ficava collocada, no lado norte da igreja, de traz da capella mór.

Duas columnas salomonicas, do mesmo marmore da Arrabida com que se formaram as do altar mór, sustentam um elegante ornato, que remata com as armas da condessa fundadora.

Devemos advertir que o actual prospecto da entrada da sachristia não era o que existia ao tempo do terramoto: As armas da condessa fundadora que hoje se vêem ali, eram as que estavam no templo, como já dissemos quando o descrevemos.

Apenas se entra o pavimento quasi que os pés recuam, tal é o receio que o homem estudioso e amante das riquezas da nossa boa terra tem de pizar aquelles restos venerandos d'um elegantissimo mosaico.

Avançando para o centro do pavimento, não se faram os olhos de admirar a delicadeza do mosaico que figura em bem enlaçadas flores uma sumptuosa alfata.

Já hoje se não vê ali a magnifica mesa de pedra onde se depositavam os calices em quanto serviam ao sacrificio da missa.

Essa pode admirar-se actualmente na sachristia da freguezia de Santa Justa, ora estabelecida onde foi a igreja de S. Domingos. Extincta a ordem dominicana na occasião da nossa lucta civil de 1833, e transferida a dita freguezia para este templo, obteve a irmandade do Santissimo este valioso presente.

Não poderam comtudo destruir ainda o formosissimo marchetado da abobada, almofadada com os raros e primorosos marmores do nosso paiz, exactamente pelo desenho da arruinada igreja; não lhe poderam destruir as elegantes columnas que se levantam entre as quatro janellas que ha de cada lado em todo o seu comprimento, sobrepostas por outras mais pequenas; não lhe poderam arrancar as

(*) Do num. 30.

valiosissimas almofadas que sobre esses marmores primam maravilhas da riqueza das nossas pedreiras.

De um e outro lado da sachristia corriam, e ainda lá existem hoje, magnificos contadores de excellente madeira do Brazil, rares pelo seu lavor, e exquisitos pela magnificencia com que o artista os acabou. O almofadado dos seus gavetões corre parelhas com a excellencia das portas ainda conservadas interiormente no Hospital.

Por baixo das janellas ha excellentes quadros representando os mysterios da Virgem Nossa Senhora. Estas pinturas que nos pareceram feitas em vidro, são de uma admiravel perfeição.

Nos dois topos da sachristia levantam-se dois excellentes altares, ambos de preciosissimos marmores com embutidos elegantes. Encostam-se estes altares a retabulos tambem de marmore, cujos quadros representam um a visão de Santo Ignacio, outro a sua devoção para com a Virgem.

Estes quadros, e a obra dos altares e retabulos data de poucos annos antes da extincção da Companhia.

Nos dois lados d'estes altares havia sumptuosos armarios, da mesma madeira e lavor dos contadores. Serviam para arrecadar as vestimentas, calices e missaes, depois de terem servido.

Estes armarios ainda se podem hoje admirar logo á entrada da sachristia, e ao lado direito, nascente do edificio. Os da esquerda, ou poente, foram cobertos com uns simulados altares onde modernamente collocaram varias imagens.

Sabemos, comtudo, que este primor d'obra não foi destruido, e lá existe encoberto com os novos retabulos.

Nos dois topos da sachristia ha oito figuras de gesso, em vulto natural, quatro em cada um, symbolizando as virtudes christãs.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LI

Do que succedeu a um Gaspar Furtado piloto natural desta ilha.

Esta ilha Terceira é uma ilha muito pequena: dizem que tem pouco mais de sette leguas de comprimento, e trez de largo: em 24 horas a correm toda em roda homens de pé: dá dose mil moios de trigo, e 13 e 14 mil, e ás vezes mais, outras vezes menos: cevada, centeio, dará cinco, seis mil moios; e como se não carrega nesta ilha para fora se dá de graça. No anno de 1581 e 82 como não carregaram para parte alguma valia o trigo a 20 reis o alqueire e a 10 reis. Estava no porto desta cidade um navio de Gaspar Furtado, piloto e senhorio d'elle: pediu este homem que o trigo se perdia e que mais valia a cevada que o trigo para os cavallos; que lhe deixassem carregar o seu navio de farinhas para as partes do Brazil, e que traria assucar para a terra. Com rogos lhe deram licença. Carregou o navio de tudo o

que pode levar, e partiu para o Brazil. Tanto que foi fora da ilha se foi direito a Lisboa a vender as farinhas, allegando serviços de engano que tinha feito, e carregou o navio de azeites para a ilha de S. Miguel, sem imaginar de vir a esta ilha. Succedeu-lhe a desgraça de Gaspar de Gâmbôa. Vindo o Snr. D. Antonio com sua armada o tomaram, e tanto que o vio carregado de azeites o enviou logo para esta cidade, com soldados dentro por que não fosse a outra parte. Foi tão coitado o pobre desgraçado Gaspar Furtado, que se contára ao Snr. D. Antonio o que lhe tinham feito lhe perdoára por que nelle não havia fazer mal: mas callou-se, e veio ca ter. Tinham lhe culpas formadas, e seus bens sequestrados. Em chegando logo foi sentenciado á forca, e foi enforcado o desgraçado homem, sem remedio algum, nem houve adherencia nem rogos que não se mettesse a Manuel da Silva, a mulher e irmãos. Não houve remedio.

LII.

De como se fez justiça em um Antonio Carvalho que veio de França, e era castelhano e dizia ser portuguez.

Na armada do snr. D. Antonio veio um Antonio Carvalho, homem mancebo, de bom corpo, muito galhardo e bem tratado. Trazia um criado atraz: parecia homem bem creado, e foi de Lx.^a ter a França, dizendo que ia servir o Snr. D. Antonio, mas fallava castelhano serrado, e dizia ser portuguez. O Snr. D. Antonio lho agradeceu muito. Chegando a esta cidade achou pessoas que lhe diceram conheciam aquelle homem pelear contra elle na batalha de Alcantara, e assim o jurou. Ficou espantado: mandou-o chamar ás casas da alfandega, aonde estava em sua companhia Manuel da Silva, Francisco Botelho, Thomaz Calheira, e outros homens fidalgos do seu conselho, e lhe fizeram perguntas, e o acharam encontrado em muitas cousas. Mandaram logo chamar um corregdor e meirinho e o mandaram metter em um castello a bom recado. D'ahi a trez dias lhe deram na praça da cidade crueis tratos de polé, para d'elle tirarem o que sabia. Como elle era homem de bom corpo, e a altura grande, que era em uma torre do relógio, quebrou o pau aonde estava a polé aos primeiros tratos. Levaram-no á cadea que estava d'ahi perto, e depois de trez dias o enforcaram ao longo da cadea, dizendo que sendo portuguez tomara armas contra seu rei natural, e depois fazendo fingimentos falsos. E acabou o pobre homem.

LIII

Da morte de Antonio de Carvalho e do que succedeu esse dia.

Havia nesta cidade um homem chamado Fernão Garcia Jaques filho de Alonso Garcia, castelhano de nação. Casou nesta ilha com uma mulher nobre. Veio seu filho, Fernão Garcia Jaques, depois de seu pae fallecido, a ser Provedor das armadas de Castella. Era homem nobre, muito avisado. Tinham ao ditto Fernão Garcia por suspeito ao Snr. D. Antonio. Andando Manuel da Silva passeiando pela cidade um dia, encontrou ao ditto Fernão Garcia e lhe disse. *Fernão Garcia eu tenho uma carta de Duarte de Castro que vem em companhia d'El-rei meu senhor, que reserve as casas de Vm., porque quer ser seu hospede: donde conheceu Vm. este fidalgo? Dize-lhe Fernão Garcia: Não o conheço: parece que tem noticia*

das minhas casas: quer-me fazer essa honra. Manuel da Silva contou isto depois, que logo lhe pareceu mal do ditto Duarte de Castro, e assim se dice que elle trazia os francezes da armada induzidos, que não pelejassem, pelo que depois se provou contra elle. Tanto que o ditto Duarte de Castro desembarcou logo se foi direito para a casa do ditto Fernão Garcia, e com elle e seus filhos e genro começou a descobrir seu peito, e a tenção que tinha e trazia de matar o Snr. D. Antonio, porque com isso se remediaria das culpas que tinha commettido contra el-rei Philippe, por se botar ao serviço do Snr. D. Antonio, e que lhe tinha sequestrado toda sua fazenda. Estava o Snr. D. Antonio na cidade, e podiam estar trez ou quatro mil francezes. O ditto Duarte de Castro deu um grande convite a todos os capitães francezes. Isto era no mez de Agosto do anno de 1582. Para os ter da sua mão, e no convite, lhe deu a entender alguma traição, induzindo-os que andassem apercebidos e se vigiassem, porque os portuguezes determinavam de os tomarem descuidados, e os matarem todos, porque não queriam pelear, e que com as naus que estavam no porto, que eram algumas quarenta velas, e que com fazerem cinco mil soldados portuguezes nesta ilha e ilhas debaixo, que eram leões, se atrevia o Snr. D. Antonio entrar em Lisboa, com o favor dos que lá tinha, que tudo era saberem estava elle em terra; mais que isto lhe tinha ditto Duarte de Castro. Os capitães francezes o não ereram, mas ficaram suspensos, e com suspeitas, porem dissimularam e se calaram, e para que o cressem faziam indicios de o virem a crer. Tomou uma noite dois creados seus, e os ensinou, que fossem pela cidade e os primeiros dois francezes que achassem sós os ferissem bem, e lhes dicessem: *Tomae cães que assim e peor vos hão de fazer a todos.* De tal maneira os feriram, que um delles morreu. Contaram a um monsieur de Sancoline, francez, este contou aos mais, não sabendo quem os feria; alguns creram ao ditto Duarte de Castro; e o Snr. D. Antonio e moradores da cidade bem fora de tal: por que determinava Duarte de Castro levantar brigas na cidade, e nesta envolta matar o Snr. D. Antonio: e quando os francezes ficassem com victoria e senhores da terra entregarem a ilha a sua magestade. Naquelle tempo havia uma mulher de um Capitão inglez, mulher de Dom, mas infamada por má mulher: dizem que andava Duarte de Castro com ella, e assim um cavalleiro por nome Antonio Borrallho, natural de Villa Franca. Encontraram-se lá ambos disfarçados, tiveram palavras, mas não brigaram, por nem um nem outro serem conhecidos. Determinou Duarte de Castro de se vingar d'elle, com se effectoar o que tinha na imaginação. Mandou a dois creados seus que brigassem ao outro dia publicamente com o ditto Antonio Borrallho, e o affrontassem. Foram os creados, que eram um flamengo e outro portuguez, tão bem mandados, que esperaram a um canto o ditto Antonio Borrallho, que era homem mancebo, e galhardo, e com razão querido do Snr. D. Antonio, e lhe deram, primeiro que elle arrancasse, uma estocada pelo peito, que logo foi cair á porta de um Bartholomeu da Rocha, sapateiro. Isto era na rua direita, rua mais principal da cidade. Vendo alguns tão grande maldade queriam matar os sobre-dittos. Acudiu Duarte de Castro com uma alabarda na mão, que parece estava perto, e em vigia, costumando andar sempre a cavallo com seus creados detraz. Os capitães francezes acudiram logo a tomar as bocas das ruas; os portuguezes espantados de tal

novidade; e acudiu Manuel da Silva dizendo: *Que é isto snr. Duarte de Castro?* — *Recolhei-vos Conde,* lhe respondeu, pondo-lhe a alabarda nos peitos. Acudiram os mestres de campo todos armados, e as companhias de francezes, e o seu corpo de guarda em suas portas. Quando elles viram que os capitães portuguezes e a mais gente não faziam caso de nada, e que acudiam com suas espadas costumadas nas cintas, e outros com capas, estiveram quedos e armados se aquietaram. Mandou o Snr. D. Antonio logo prender a Duarte de Castro, e os creados já estavam a recado, que para os prenderem os feriram. E logo no mesmo dia foi levado á fortaleza de S. Sebastião, e a bom recado; e os creados á cadeia, por que logo os capitães francezes descobriram tudo o que elle lhes tinha commettido.

LIV

De como foi degolado Duarte de Castro.

Tanto que Duarte de Castro foi preso, logo se fez inventario de quanto se lhe achou. Tinha muitos vestidos, cavallos, mulas, gualdrapas de veludo de muitas cores: tratava-se á lei de senhor: era muito rico, homem de nome, conhecido dos principes, homem mancebo de pouco mais de trinta annos, trazia grande guedelha, e andava vestido á franceza. Perguntaram-lhe algumas pessoas, para que trazia tão grande cabello; e respondeu, que de Lx.^a saíra com elle feito, e que a Lisboa o havia ir tornar a fazer quando el-rei seu Snr. D. Antonio lá estivesse. Também lhe foram buscar os papeis, e lhe acharam cartas de sua mulher, e de outras de Lx.^a O que nas da mulher se continha era aconselhal-o, que visse se podia aquietar, e deixar as pretensões dos reis: que a elle lhe não faltava nada, e que bem escusado lhe fora andar por reinos estranhos, e sua vida em risco, e sua fazenda sequestrada; e para que se vinha de França sem ver os negocios do Snr. D. Antonio em que paravam, por que de França se podera elle remir, ou de Inglaterra, com o embaixador D. Bernardino de Mendonça. Não se lhe achou papel que o influisse ao intento que pretendeu; de maneira que se chamaram os capitães francezes, e os creados do ditto Duarte de Castro, e todos se tiraram por testemunhas e o culpavam na traição de querer matar o Snr. D. Antonio, e que já estivera por vezes com a adaga na mão para esse effeito, por que o Snr. D. Antonio se fiava delle. E as culpas feitas, e bem provadas, lhe mandaram em termo breve que desse sua defeza, a qual não tinha nem quiz que por sua parte se arrazoasse cousa alguma, antes nas perguntas que lhe fizeram confessou tudo, e o mais que as testemunhas não souberam. Foi sentenciado que morresse degolado por traidor, e amotinador, e seus bens perdidos para a coroa. Pediu trez dias para se confessar, e pôr suas cousas em ordem. Estiveram todos os trez dias com elle muitos religiosos, e ao cabo delles o foram buscar, com os irmãos da bandeira da Santa Misericordia. Quando elle saíu de dentro do Castello vinha calçado, e tanto que viu o crucifixo se poz mesmo a tirar as botas, dizendo que Christo nosso Senhor fôra com a cruz ás costas, e descalço a padecer por elle, sem culpa, e que elle, que ia com culpa, que não havia ir calçado. Foi então um seu creado, e muitos que remetteram, e lhas tiraram, e descalço veiu té a praça da cidade, que é um comprido caminho, e os padres com elle, e elle muito animado se poz a dizer suas culpas, e que me-

receu aquella morte. Era homem avisado em seu falar, e brevemente foi degolado pelo algoz, que tinha degolado a João de Bettencourt, e acabou o pobre e desditoso fidalgo Duarte de Castro.

LV

Das naus que vieram d'Inglaterra, e do que commetteram os francezes ao Snr. D. Antonio.

Quando o Snr. D. Antonio partiu com a armada de França para estas ilhas, vinha outra armada d'Inglaterra de 18 velas, bem apercebidas. Era a capitania uma nau por nome Santo Antonio, grande: trazia trezentos homens ou mais: vinha por capitão-mor um fidalgo natural desta ilha, chamado João Fernandes de Cea, e como parece que Deus nosso Senhor não era servido do Snr. D. Antonio ser rei, tudo lhe ia atravez. Deram em vespera de S. João do anno de 1582 fogo em uma pouca de polvora, que ardeu a nau, e della escaparam 120 homens, morreram muitos fidalgos, e o capitão-mor. Escapou D. Antonio de Menezes todo queimado. Tanto que a nau capitania se perdeu desta maneira, e o capitão-mor morreu, as mais foram para onde quizeram. Chegaram estando o Snr. D. Antonio nesta cidade sette, e podiam estar no porto quarenta velas grandes e pequenas, e eram perto de cincoenta. Neste tempo appareceu uma grande armada defronte da ilha, que seriam perto de sessenta velas, e era o marquez de Santa Cruz com outra armada que lhe tinha depois vindo. Os francezes como estavam medrosos da rainha mãe, por não pelejarem, por que alguns mandou ella depois em França degolar, foram-se ter com o Snr. D. Antonio, que lhe desse licença para se irem á armada do marquez, e que confiavam de a desbaratarem, porque as sette naus inglezas que tinham chegado, com artificios de fogo haviam de queimar muitos, e que podiam metter-se portuguezes da terra. Como o Snr. D. Antonio estava já abhorrido delles, e a armada do marquez era grande e dos maiores navios e galeões de Portugal, não os quiz deixar sair, dizendo que queria aviar a armada para outro effeito de maior importancia, ajudando-o nosso Senhor, e que nenhum proveito se tirava de ir matar gente sem proveito, pois que elles com uma armada tão grande não fizeram nada, e uns se foram para um cabo, e outros para outro, que agera era desnecessario com menos armada irem-se tomar com duas junctas. Ficaram os francezes tristes, e alguns lhes pareceu bem. Ao outro dia desapareceu a armada que se veiu mostrar, e os francezes ficaram como raivosos.

Continua.

AVISO.

Com este numero lida o XIII volume, v da 3.^a serie do PANORAMA, e começará, com o novo anno, o VI. Roga-se aos srs. Assignantes que quizerem continuar, bem como aos que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as renovarem, ou satisfazerem quanto antes, afim de não soffrirem interrupção nas remessas dos numeros.

O indice, e frontispicio d'este volume serão distribuidos com o primeiro numero do seguinte.